

Considerações sobre as ciências e artes em Rousseau

RESUMO

O objetivo deste texto é apontar no pensamento de Rousseau alguns momentos em suas obras inicial e final em que ele valoriza o conjunto das ciências e das artes, sem deixar de lado, contudo, seu profundo lastro com a natureza.

Palavras-chave: Rousseau; Natureza; Ciências; Artes.

ABSTRACT

The aim of this paper is to point in Rousseau's thought a few moments in their initial and final works he appreciates all the sciences and arts, without forgetting, however, his deep ballast with nature.

Keywords: Rousseau; Nature; Science; Arts.

* Professor Associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente, é coordenador do Mestrado em Filosofia da mesma instituição e bolsista de Produtividade do CNPq.

Após a publicação do *Discurso sobre as ciências e as artes*, sobretudo, Rousseau passou a ser conhecido como o filósofo defensor incontestado da natureza e opositor ferrenho da técnica, em pleno Século das Luzes, em que havia uma crença quase cega no progresso. Esta leitura não deixa de ser verdadeira, mas esquece outra perspectiva, extremamente importante para a compreensão do pensamento de Rousseau, que normalmente é negligenciada por muitos de seus comentadores: a sua valorização das ciências e das artes no conjunto da cultura civilizacional de seu século. Rousseau interroga a cultura moderna sobre a relação entre desenvolvimento científico e progresso moral no interior do espírito moderno. Desde cedo, percebeu que a modernidade, ainda nascente, trazia gêmeos do mesmo parto: a comodidade da técnica e a servidão humana. Isto significa dizer que o desenvolvimento das ciências e das artes sempre foi acompanhado de uma crescente e constante depravação do homem.

Mas a tradição dos estudos rousseauianos parece que deu maior proeminência ao "Rousseau romântico" em detrimento de um Rousseau mais "científico"¹. Sendo assim, o objetivo deste texto é apontar no pensamento de Rousseau alguns momentos em suas obras inicial e final em que ele valoriza o conjunto das ciências e das artes, sem deixar de lado, contudo, seu profundo lastro com a natureza.

É importante destacar que "as ciências e as artes", no contexto do século XVIII, significa, *grosso modo*, as invenções humanas, feitas segundo certos procedimentos metodológicos, que se contrapõem à natureza ou ao modo natural². Neste sentido, Rousseau parece referir-se às ciências e às artes como uma invenção intelectual, que exige uma habilidade, mental e prática, para criar uma coisa nova, ou seja, artificial. O problema todo que se impõe é: aquilo que se engendra por si mesmo e o que é feito pela mão do homem não teria como base o mesmo esta-

tuto? Como distinguir com nitidez o que é natural e o que é artificial num mundo cujo uso da técnica se tornou cada vez mais "natural" de tal forma que a própria natureza se artificializou? A natureza também não é enriquecida com o desenvolvimento das ciências e das artes? Não haveria aí uma cadeia em que o natural engendra o artificial e vice-versa? (LARRERE & LARRÈRE, 2000). A nosso ver, estas são as questões que se desenhavam em um dos grandes dilemas de Rousseau no que concerne à relação entre o mundo natural e o artificial, que começa no *Primeiro Discurso*, e que se estende de forma ainda mais clara nos *Devaneios*.

Em 1750, Rousseau publica sua primeira obra, tornando-se conhecido nos salões parisienses. No "Discurso sobre as ciências e as artes", afirma Rousseau:

Antes que a arte polisse nossas maneiras e ensinasse nossas paixões a falarem a linguagem apurada, nossos costumes eram rústicos mas naturais, e a diferença dos procedimentos denunciava, à primeira vista, a dos caracteres. No fundo, a natureza humana não era melhor, mas os homens encontravam sua segurança na facilidade para se penetrarem reciprocamente, e essa vantagem, de cujo valor não temos mais noção, poupava-lhes muitos vícios. (*Primeiro Discurso*, p. 336).

Para Rousseau, a vida simples conserva os valores morais e a social carrega o luxo, afastando a virtude. Aqui, podemos perceber no nascedouro do pensamento de Rousseau um de seus múltiplos paradoxos: a relação entre a sociabilidade primitiva, sempre favorável à manutenção do estado de natureza, e a intervenção das artes que introduz a corrupção por meio da ociosidade, da vaidade.

Apesar de demonstrar esta aporia entre a vida simples primitiva e o avanço das ciências e das artes, Rousseau nessa obra não se mostra inimigo das ciências e tampouco das Luzes. Elas são, ao final e a cabo, produtos do engenho humano. A crítica de

¹ Para uma análise mais apurada reflexão de Rousseau vinculada à técnica, ver: DENEYS-TUNNEY, 2010.

² No artigo "Art", da *Encyclopédie*, Diderot assim afirma: "É a indústria do homem aplicada aos produtos da natureza ou por suas necessidades ou por seu luxo, ou para seu divertimento, ou para sua curiosidade que originou a ciências e as artes".

Rousseau se localiza exatamente no interior do desenvolvimento das ciências e das artes porque elas instrumentalizam a imoralidade e a corrupção a pretexto de melhorar a vida dos homens. Ou seja, Rousseau põe o dedo na ferida do espírito moderno. Segundo Deneys-Tunney,

O elogio da ignorância que faz Rousseau [no Primeiro Discurso] é em nome das almas virtuosas, dos direitos à igualdade, à democracia e à liberdade. Rousseau ataca as Luzes como ideologia de privilégios, essencialmente indiferentes ou hostis à religião. Substituindo as verdades muito incertas da ciência às da religião, as Luzes favorecem na realidade, segundo Rousseau, ao despotismo (DENEYS-TUNNEY 2010, p. 47).

O resultado material do desenvolvimento das ciências e das artes é o avanço da cultura, mas às custas do enfraquecimento da religião, das virtudes naturais puras e conseqüentemente o avanço do despotismo político.

Se é verdade que entre essa obra inicial, que o próprio Rousseau vai criticar nas *Confissões*, e a última, os *Devaneios de um Caminhante Solitário*, obra inacabada e publicada postumamente em 1782, a aporia persistirá: por um lado temos a vida simples e natural próximo à natureza e por outro a vida corrupta e viciosa da vida social, marcada pelo desenvolvimento das ciências e das artes. No entanto, a questão principal, não é o desenvolvimento das ciências e das artes em si que Rousseau critica tanto, mas sim sua estreita vinculação com os vícios. Talvez, por esta razão, Rousseau tenha registrado textualmente que em todos os seus escritos tenha seguido sempre a mesma tese. Assim, diz ele na *Carta a Beaumont*: "Eu escrevi sobre diversos temas mas sempre com os mesmos princípios." (OC, IV, 928).

Ora, como conciliar este amor à natureza e a repulsa aos homens? Os homens não fazem parte da natureza? Isso seria possível?³ Ao que parece, desde a primeira obra à última, este tem sido o grande di-

lema de Rousseau. Resume ele no final da Sexta caminhada dos *Devaneios*, uma espécie de balanço de seu incômodo da vida em sociedade:

O resultado que posso extrair de todas essas reflexões é que não fui realmente feito para a sociedade civil onde tudo é opressão, obrigação, dever, e que meu natural independente me tornou sempre incapaz das sujeições necessárias a quem quiser viver com os homens. Enquanto ajo livremente sou bom e somente faço o bem; mas, logo que sinto o jugo, seja da fatalidade, seja dos homens, torno-me rebelde, ou melhor, insubmisso (*DEVANEIOS*, 6ª. Caminhada, p. 88).

Ou seja, a natureza é o lugar da liberdade, da onseqüências e do conforto enquanto a sociedade é pintada de uma forma oposta: o espaço da opressão, da falsidade, do desconforto.

Não podemos nos esquecer que, quando Rousseau escreve esta obra, sente o peso da idade: é sexagenário, está só e vive muito modestamente no campo. Mas não é isso que mais o atormenta, mas sim sua síndrome de perseguição que, de fato, houve desde a publicação de o *Emílio* e do *Contrato*. Como todos nós sabemos, em 9 de junho de 1762, o Parlamento de Paris condena o *Emílio* e o autor é obrigado a fugir da cidade no mesmo dia; dois dias após, a obra é queimada em Paris e, alguns dias depois, as duas obras são queimadas em Genebra; no mês seguinte, em julho, Rousseau é considerado *Persona non grata* em Berna e, ainda neste mesmo ano, a Sorbonne condena oficialmente o *Emílio*. A polêmica continua até o ano de 1776, período este que redige os *Devaneios*, em que sente mais vivamente a perseguição e à sua obra com maior intensidade. Por esta razão fugir desse ambiente de opressão a fim de buscar a paz necessária era um caso de vida ou morte. Nos *Devaneios*, Rousseau registra:

Disposições bem diferentes fizeram, para mim, deste estudo, uma espécie de paixão que preenche o vazio de todas

³ Sobre estas questões, ver: SANTOS, 2010, p.28-41.

aquelas que não tenho mais. Galgo os rochedos, as montanhas, mergulho nos vales, nos bosques, para me furtar, tanto quanto possível, à lembrança dos homens e aos ataques dos maus. (Devaneios, 7^a. Caminhada, p.99).

Se os homens só trazem contrariedade e mal-estar, só lhe resta buscar a natureza simples e pura para se fortalecer. Por esta razão nesta mesma caminhada, Rousseau faz uma longa descrição de sua experiência quase sublime de contato direto com a natureza. Compara-se a Colombo, como se estivesse chegado no Éden, o paraíso em que jamais o homem teria pisado antes dele. Desbravador da natureza, Rousseau se perde nos devaneios do mundo natural e fica horrorizado quando volta a si, e dar-se conta que é no mundo real que a natureza está constantemente ameaçada pelo progresso técnico da ciência. Ou, dizendo de outra forma, o engenho humano aparece como prolongamento da natureza bruta, selvagem, supostamente intocada. Essa vizinhança perigosa é o preço que o homem paga por sua engenharia vil à medida que é ela que ameaça constantemente a natureza perfeita. Assim, diz ele na mesma caminhada:

“Lembrar-me-ei por toda a vida uma herborização que fiz um dia pelos lados da Robaila [...]. Estava só, mergulhei nas anfractuosidades da montanha e, de bosque em bosque, de rocha em rocha, cheguei a um reduto tão escondido que, em toda a minha vida, nunca vi uma vista tão selvagem. Negros abetos entremeados de faias prodigiosas, entre as quais várias mortas de velhice e entrelaçadas entre si fechavam esse reduto com barreiras impenetráveis; alguns intervalos deixados por esse sombrio recinto ofereciam, mais longe, apenas rochas cortadas a pique e horríveis precipícios que somente ousava olhar deitando-me de bruços. O Bufo, a *chevéche* e o xofrango faziam ouvir seus gritos nas fendas da montanha, alguns pequenos pássaros raros, mas familiares, temperavam, contudo, o horror dessa solidão. Lá, encontrei a *Dentaire heptaphyllos*, o *ciclame*, o *nidus avis*, o grande *laserpitium* e algumas outras plantas que me encantaram e me divertiram por muito

tempo. Mas, insensivelmente dominado pela forte impressão dos objetos, esqueci a botânica e as plantas, sentei-me sobre almofadas de *Lycopodium* e de musgos e pus-me a devanear mais à vontade, pensando estar num refúgio ignorado por todo o universo, onde os perseguidores não me descobririam. Um movimento do orgulho misturou-se em breve a esse devaneio. Comparava-me a esses grandes viajantes que descobrem uma ilha deserta, e dizia a mim mesmo com complacência: sem dúvida, sou o primeiro mortal a penetrar até aqui; considerava-me quase como um outro Colombo. Enquanto me pavoneava com essa idéia, ouvi, n[ã]o longe de mim, um certo tinido que pensei reconhecer; escuto: o mesmo ruído se repete e se multiplica. Surpreso e curioso, levanto-me atravesso espessas urzes no lugar de onde vinha o ruído e, num pequeno vale a vinte passos do próprio local onde pensava ter sido o primeiro a chegar, percebo uma manufatura de meias.” (Devaneios, 7^a. Caminhada, p.99-100).

Se a natureza apresenta aqui como refúgio e conforto à solidão de Rousseau, ela não pode estar muito distante dos embates do desenvolvimento das ciências e das artes, porque homem e natureza parecem estar num eterno conflito, real ou imaginário.

Mas esse horror pela manufatura não significa dizer que Rousseau é um apoloquista da ignorância e deseje a volta pura e simples ao mundo selvagem, como satirizou Voltaire a obra do genebrino. Ainda na 7^a. Caminhada, diz Rousseau:

As plantas parecem ter sido semeadas com profusão sobre a terra, com as estrelas no céu, para convidar o homem, pelo atrativo do prazer e da curiosidade, ao estudo da natureza; mas os astros são colocados longe de nós; é preciso ter conhecimentos preliminares, instrumentos, máquinas, bem longas escadas para os atingir e os trazer ao nosso alcance. (Devaneios, 7^a. Caminhada, p. 98).

Como podemos notar, Rousseau faz uma comparação entre as plantas, que nascem naturalmente e que por vezes estão à mão, e as ciências, como a astronomia, cujos objetos estão longe da mão humana e

que precisam de instrumentos, de técnicas, de conhecimentos para bem conhecê-la ou aperfeiçoá-la. O problema, segundo Rousseau, é o prolongamento disso. Afirma ele:

[...] mas logo que a ele se mistura o interesse ou a vaidade, seja para preencher lugares ou para escrever livros, logo que se quiser aprender apenas para instruir [...] todo esse encanto se desvanece, não se vêem mais nas plantas senão instrumentos de nossas paixões [...]. Daí os ódios, os ciúmes que a concorrência pela celebridade excita entre os autores botânicos tanto quanto ou mais do que entre os outros sábios" (DEVANEIOS, 7ª. Caminhada, p. 98-99).

Ou seja, para Rousseau, o desenvolvimento técnico-científico em si não é ruim, mas a instrumentalização do saber para alimentar a vaidade social é questão central em sua recusa à vida em sociedade. Não é a ciência que é má, mas a corrupção da paixão humana que a transfigura.

No final de sua vida, Rousseau se interessou cada vez mais pela botânica porque viu neste trabalho o que mais se aproximaria da atividade científica e, ao mesmo tempo, lúdica. Natureza e artifício parecem próximos no trabalho da botânica, haja visto que eles podem se juntar sem se agredir, modificando o foco dessa relação: se antes era contemplativo, agora será eminentemente ativo, mas de forma equilibrada. Essa atividade, segundo Deneys-Tunney,

é a que permite esperar uma síntese harmoniosa entre o sujeito – livre de seu corpo e autônomo na sua atividade e trabalho – e a natureza – que não é danificada por essa técnica – aqui, nada de utensílio ou máquina, a mão do homem faz tudo. (DENEYS-TUNNEY, 2010, p. 137).

Talvez a resposta para esse paradoxo de Rousseau, Natureza de um lado, e ciências e artes do outro esteja no *Segundo Discurso*, precisamente no conceito de perfecti-

bilidade. Como diz o próprio Rousseau nessa obra, o ser humano em estado primitivo possui duas faculdades que o distingue dos animais. Uma é o livre arbítrio e a outra é a perfectibilidade. Para o genebrino, a perfectibilidade

é a faculdade de aperfeiçoar-se, faculdade que, com o auxílio das circunstâncias, desenvolve sucessivamente todas as outras e se encontra, entre nós, tanto na espécie quanto no indivíduo; o animal, pelo contrário, ao fim de alguns meses, é o que será por toda a vida, e sua espécie, no fim de milhares de anos, o que era no primeiro ano desses milhares. Por que só o homem é suscetível de tornar-se imbecil? (Segundo Discurso, 243).

Aqui, como sabemos, Rousseau está interessado em distinguir o homem do animal e entender a singularidade humana. Ora, qual seria então nossa natureza originária? A capacidade de se aperfeiçoar traz o melhor e o pior do homem à medida que a sofisticação da civilização empurra o homem natural à beira do abismo. O próprio Rousseau entende que este caminho não tem volta e por isso se trata de uma discussão praticamente insolúvel. Por mais primitiva que possa parecer, onde há natureza, haverá aí, artifício, porque este é enriquecido com o uso das ciências e das artes. Se o homem habita a natureza e está agarrada a ela, muito mais do que a distanciou, não se pode entender um distante do outro. Ou seja, o homem faz parte da natureza e suas contingências e por isso vemos na natureza física, a mão humana intervindo nela constantemente seja para melhor a sua vida (tendo consequência sérias) seja a da natureza (com igual efeitos colaterais)⁴. Seja num seja noutro, em Rousseau, a base parece estar na perfectibilidade humana, para o melhor ou para o pior.

Se no *Primeiro Discurso* Rousseau destaca a importância de grandes nomes que

⁴ Sobre esta questão, Philippe Roqueplo registra: "Se abrimos os olhos para o mundo que nos rodeia, veremos que tudo à nossa volta [...] tem a marca das atividades técnicas do homem, não só as cidades, mas também os campos, as florestas, os rios [...]. De igual modo [...] os inúmeros objetos que utilizamos [...] ligam-nos a vastas redes de infraestruturas tecnológicas, do funcionamento dos quais a nossa vida, em todos os seus aspectos e a cada instante, depende inexoravelmente" (1993, p.266).

ajudaram no progresso humano, tais como Sócrates, Bacon, que ele se refere como "O maior dos filósofos, chanceler da Inglaterra." (p.351), Descartes, Newton, dentre outros, no seu último texto, os *Devaneios*, ele vai criticar as onseqüências do crescimento das ciências e das artes,

em que os rostos lívidos de infelizes que definham nos infectos vapores das minas, negros ferreiros, horríveis onseqüê são o espetáculo que o conjunto das minas substitui, no seio da terra, ao da verdura e das flores, do céu azulado, dos pastores apaixonados e dos trabalhadores robustos da superfície. (p.96-97).

A vizinhança perigosa do progresso das ciências não acompanha necessariamente a moralidade humana, e por isso as onseqüências são bem visíveis.

Neste sentido, o desenvolvimento das ciências e das artes seria natural e ao mesmo tempo antinatural: natural porque é um dado primitivo e, antinatural porque ele é fruto de seu desenvolvimento (EHRARD, 1994, p.781). Seria essência e, ao mesmo tempo, um processo, num eterno devir, como se o homem fosse condenado eternamente a viver neste dilema. Vícios e virtudes parecem ser faces da mesma moeda e, por esta razão, não adiantaria muito querer separá-las. Afinal, onde começaria um e terminaria o outro?

Referências Bibliográficas

DENEY-TUNNEY, A. *Un autre Jean-Jacques Rousseau*. Paris: PUF, 2010.

DIDEROT, D. *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. 1750. Verbete: "Art".

EHRARD, J. *L'Idée de nature en France dans la première moitié du XVIIIe siècle*. Paris: Albin Michel, 1994.

LARRÈRE & LARRÈRE. *Do bom uso da natureza: para uma filosofia do meio ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

ROUSSEAU, J. J. *Oeuvres complètes*. Éd. B. Gagnebin & M. Raymond. Paris: Gallimard, 1959-1995. Col. "Bibliothèque de la Pléiade". 5 V.

_____. *Discurso sobre as ciências e as artes/ Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

_____. *Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral*. Org. José Oscar de A. Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

_____. *Os devaneios do caminhante solitário*. Brasília: Editora da Unb, 1986.

ROQUEPLO, R. *Climats sous surveillance: Limites et conditions de l'expertise scientifique*. Paris: Economica, 1993.

SANTOS, A. C. Montesquieu e Rousseau: a natureza da sublimidade da razão. *CADERNOS DE ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA DA USP* 16. v.1/2010, p.239-252.

SANTOS, A. C. "Os sentidos de natureza na filosofia de Rousseau". In: ____ (Org.). *Filosofia & natureza: debates, embates e conexões*. São Cristóvão: EdUFS, 2010, p. 28-41.